

Breve reflexão das LAUDES

“Lavai-vos, purificai-vos, afastai dos meus olhos a malícia das vossas acções”

No confronto do bem e do mal, o homem, no uso da sua liberdade e capacidade, pode optar por fazer o bem ou fazer o mal.

Poderemos então perguntar: é mais fácil fazer o bem ou fazer o mal?

A resposta, calada do nosso mais profundo sentir, vem do espírito criador e da última finalidade do amor com que Deus nos criou: o bem é mais fácil de fazer. Faz-se naturalmente, até porque a criação é perfeita. Fomos criados e nascemos naturalmente bons.

O mal é mais difícil de fazer, já que, como reconhecemos, exige toda uma construção de estratégias por natureza demasiado perigosas, exige todo um esquema de mentiras, subterfúgios, negativas influências e cumplicidades que despersonalizam e mancham o interior do nosso coração e da nossa intimidade relacional com Deus e com os nossos irmãos, mais ou menos próximos, amigos ou inimigos, os quais, incorporando o mesmo corpo – *toda a humanidade*, fazem parte, como nós, do mesmo espírito criador de Deus e dos seus desígnios, por mais ocultos e misteriosos que sejam e/ou nos pareçam.

Na caminhada da vida, mesclada de quedas e ofensas (por actos, palavras, omissões, representações em mente, etc), contra Deus e contra aqueles que caminham connosco (*todos nossos irmãos*), o perdão e a misericórdia de Deus são a água corrente que tudo lava e purifica tornando o coração do homem, manchado pelo pecado (*cor escarlata ou vermelho*), mais branco como a neve ou a lã.

O homem, hoje, que corre sobre rodas, a toda a velocidade, não tempo para si, não o tem para a família, nem para os amigos, não sabe parar para reflectir sobre si, repensar a vida e o verdadeiro sentido da sua existência.

Deus não tem lugar nessa velocidade e então perde o sentido da existência, da razão de viver, perde o perfume do bem-estar e da felicidade, perde a alegria do convívio, do encontro e da partilha fraterna e solidária no seio da família e da sociedade em que vive.

É a tragédia da pessoa, de cada um e de todos nós, e, em última instância, da sociedade e do Estado em que nos integramos e vivemos, o que, só com uma profunda mudança de vida, em comunhão com o Deus (Amor) que nos criou, pode trazer a felicidade que todos aspiramos e que, já neste mundo terreno, nos projectará para a eternidade em comunhão com Cristo, feito carne como nós, que nos aponta o caminho, a verdade e a verdadeira vida – vida de paz e alegria sem fim.

António Agostinho